

SNS vai começar a tratar dependência do jogo, que já afeta jovens de 20 anos

Novos consumos. Serviço da saúde vai dar formação a médicos, psicólogos e enfermeiros para começarem a tratar dependências sem substância. Objetivo é criar equipas nacionais que devem responder às necessidades a partir de 2015

DIANA MENDES

Ainda João não tinha 18 anos e já apostava dinheiro em jogos na internet. Eram sobretudo jogos desportivos e roletas. Quando queria apostar quantias maiores ia para o casino até às três da manhã e regressava para as apostas no conforto do lar. Nos primeiros tempos ganhou muito dinheiro, mas, como acontece frequentemente, a sorte não durou e aos 22-23 anos esfumou-se. Perdeu cerca de 75 mil euros em cerca de três anos, distribuídos por uma primeira crise e duas recaídas. A terceira, a companhia fez um ultimato. O tratamento avançou mas teve de avançar numa unidade privada, a única com respostas especializadas.

Casos de dependência grave do jogo estão a aumentar e a registar-se cada vez mais cedo. João é apenas



um exemplo. Aos 27 anos, esta na
dois longe do vício, depois da ajuda
de toda a família, que contribuiu
para o alívio das dúvidas.

A resposta foi privada, mas o SNS
já está a começar a formar profissio-
nais para dar resposta às necessida-
des. João Goulão, diretor-geral do
Serviço de Intervenção nos Com-
portamentos Aditivos e nas Depen-
dências (SICAD), diz ao DN que
“esta dependência sem substância
será a primeira a integrar as respos-
tas do SNS” e calcula que, neste ano
e no próximo, “possam existir pro-
fissionais devidamente formados
em cada capital de distrito. Os mé-
dicos de família deverão saber para
onde enviar os doentes”.

A formação já avançou, numa
primeira fase com ações de sensibi-
lização e numa segunda com a for-
mação às equipas que estão no ter-
reno, “desde psicólogos, médicos,
enfermeiros ou assistentes sociais”,
refere João Goulão. Para já, vai avan-
çar uma formação em Lisboa, mas
as iniciativas vão depender das Ad-
ministrações Regionais de Saúde e
do voluntarismo dos profissionais.
“Esperamos abranger dezenas de
profissionais em todo o país.”

A primeira formação ficará a car-
go de Pedro Hubert, psicólogo do
Instituto de Apoio ao Jogador, que
está a tratar cerca de 50 doentes,
dada a atual capacidade da equipa.
A formação terá três partes: uma
teórica, que define os riscos, o tipo
de dependências e o papel das fa-
mílias; “uma segunda com a discus-
são de casos e uma terceira já com
os profissionais no terreno, com vis-
ta à supervisão de doentes”.

Adolescentes mais ligados à internet e aos videojogos preocupam famílias

RISCO O vício do jogo pode abranger as raspadinhas, o Euromilhões, mas também os videojogos e os jogos online sem ser a dinheiro. São precisamente estes que são cada vez mais frequentes entre os adolescentes, mas em alguns casos não deixam de ser muito relevantes porque podem ser

tinência, a troca de prioridades, como usar o dinheiro da renda no jogo, a perda de controlo no tempo e despesas. Bastam dois ou três critérios para avaliar a dependência”, diz Pedro Hubert. “Estas situações têm de ocorrer pelo menos há seis meses.”

As respostas podem passar por “apoio multidisciplinar, de comuni-

sou de uma chamada de 15 em 15 dias, para uma a duas por dia. “São sobretudo as famílias [60%] a pedir ajuda, mas os afetados são sobretudo homens, 80% no jogo *online* 73% em presença. O que sabemos é que a idade média dos últimos é 40 anos, mas na internet é 30, o que significa que há muitos jovens com 22 ou 23 que são dependentes.”

Cristina, com 60 anos, é a prova de que não há limite de idade para o jogo, mais tardio nas mulheres. Ainda não tinha 50 quando começou a ir ao casino e jogou 15 anos. “Não foi logo compulsivo. Agravou-se ao fim de dez e sobretudo nos últimos cinco”, conta. Jogava de tudo, *slot machines*, entre as 15 e as 19.30, hora a que chegava a casa e tinha já jantar para o marido.

“Temos uma vida dupla. E no meu caso posso dizer que não queria ganhar dinheiro, tudo começou depois da saída dos meus filhos de casa.” Começou a ser seguida por Pedro Hubert depois de pressiona-

da pela família, que apanhou um extrato do cartão de crédito. As dúzias de vidas “ascendiam a 150 mil euros, mas o que se perde nem é tanto o dinheiro, é o tempo, a dignidade, os sentimentos”. Hoje, está sem jogar há três anos, mas teve uma recaída de três meses ao fim dos primeiros oito. “É um dia de cada vez. Vou todas as semanas à consulta e aos jogadores anónimos.”

Internet é próxima a avançar

João Goulão refere ao DN que a internet será a próxima dependência a entrar mas competências do SICAD, uma área que afeta muito os adolescentes, os resultados escolares e a vida social, já que há muito isolamento. “O jogo está muito ligado à internet, como o vício do jogo ou do sexo. Vamos integrando novas áreas enquanto formos capazes.” Portugal foi recentemente referido mais uma vez como exemplo na política de dependências num estudo do Reino Unido.

Jogo online afeta

novas pessoas cada vez mais ajuda mais cedo

dades, equipas, da psiquiatria em casos de depressão e tendência para o suicídio. Esta é a dependência que traz mais risco de suicídio”.

O organismo privado, que tem uma linha telefónica de apoio, tem uma procura crescente, que pas-

DN 2014